

Pesquisa Arqueológica no Cemitério dos Pretos Novos – 2017

Nota de Pesquisa

Reinaldo Tavares¹

Nelson Pereira Mendonça Junior²

Andrea de Lessa Pinto³

Resumo

O presente *paper* relata o andamento atual das pesquisas que estão sendo realizadas no Cemitério dos Pretos Novos, Rio de Janeiro.

O texto apresenta um breve histórico das pesquisas já realizadas e dos achados mais relevantes, incluindo o esqueleto de uma jovem, batizada pela equipe de arqueologia como Bahkita.

O texto não inclui resultados mais profundos, sendo uma nota de pesquisa meramente informativa

Palavras-chave: Diáspora Africana - Cemitério dos Pretos Novos – Arqueologia – Bahkita

Um Cemitério para Africanos Escravizados

O Cemitério dos Pretos Novos é, até o momento, o único cemitério associado a um mercado de escravos encontrado nas Américas. Esse mercado funcionou no Rio de Janeiro, urbe que abrigou o maior porto escravista do Brasil. Essa singularidade ficou ainda mais evidente com a chegada da Família Real Portuguesa e sua corte em 1808 em função da repentina e expressiva necessidade de africanos escravizados para suprir as

¹ Prof. Ms. Reinaldo Bernardes Tavares – Arqueólogo e Professor de História. Coordenador do Projeto. PPGArq (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) – Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20940-040. IPN – Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos. Rua Pedro Ernesto, nº 32-34, Gamboa, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20220-350. e-mail:reinaldo.arqueologia@gmail.com

² Prof. Ms. Nelson Pereira Mendonça Junior – Arqueólogo e Coordenador de Campo, pesquisador independente.

³ Profª Drª Andrea de Lessa Pinto – Arqueóloga e Bioantropóloga. Coordenadora de campo para trabalhos de bioarqueologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional – UFRJ.

necessidades desse novo contexto, de corte Real Portuguesa, além da vida agrária de caráter colonial ao qual o Brasil era forçado pelo pacto colonial.

Trata-se de um cemitério exclusivo para os cativos que faleciam nas embarcações dos mercadores de escravos, lazareto e lojas da região do antigo bairro do Valongo, localizado onde hoje se encontram os bairros da Saúde e da Gamboa, na Zona portuária da Cidade do Rio de Janeiro.

Por que pretos novos? Os que ali estão enterrados, apesar de já serem classificados como escravos, de fato ainda não eram legalmente. Só se tornariam escravos quando fossem formalmente vendidos para esse fim. Naquela época a sociedade diferenciava os "homens de cor" pela designação de Pretos e Negros. Os pretos não eram indivíduos escravizados, já os negros sim, e o termo era utilizado de forma pejorativa para designá-los, atuando como uma marca social. Era comum a frase: você é negro de quem? O termo *novo*, por sua vez, refere-se à condição de serem recém-chegados da África. Apesar de não serem ainda propriedade de um consumidor final, o status do Preto Novo perante a sociedade dos séculos XVIII e XIX era extremamente baixo, ao ponto de lançarem lixo urbano no interior do cemitério a eles destinado.

Na segunda metade do século XVIII, os depósitos de cativos africanos foram aos poucos sendo removidos da antiga Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março no centro da cidade. As grandes casas de comércio foram se concentrando nos arrabaldes da cidade, junto ao litoral noroeste, ao longo da antiga enseada do Valonguinho, da praia do Valongo e da praia da Saúde. A antiga Rua do Valongo (atual Rua Camerino) e a antiga Praia do Valongo (hoje desaparecida e soterrada sob a Rua Sacadura Cabral) foram os pontos centrais de um comércio de seres humanos que se fazia em barracões localizados próximos à linha do mar. Muito pouco sobrou desse período, pois o tráfico de escravos foi legalmente proibido no início da década de 30 do século XIX e a região do mercado passou por transformações urbanas que aos poucos apagaram o rastro desse sinistro comércio.

No seu auge, o comércio escravista da região do Valongo tinha dezenas de casas comerciais, um Lazareto na praia do Propósito (estreita faixa de areia que se formava por detrás do Morro da Saúde) para a quarentena dos escravos e um cemitério para enterrar os seus mortos. Após a vistoria da saúde, feita ainda nos ancoradouros no meio da Baía da Guanabara, os navios negreiros apresentavam a sua carga na alfândega, onde

os cativos eram contados e registrados para fins de pagamentos dos direitos alfandegários, e depois seguiam por terra ou por mar para os lazaretos de quarentena localizados em ilhas ou na isolada enseada da Gamboa. Só após esse período, que tinha um tempo mínimo de oito dias, as arcações de cativos africanos eram destinadas aos diversos trapiches, lojas e barracões de venda localizados na região do Valongo, ou em outros pequenos mercados espalhados ao longo do recôncavo da Baía da Guanabara. Outra prática comercial era a venda em atacado para grandes produtores rurais, através de leilões e partida direta de carga consignada a partir da própria alfândega, logo após o seu registro e desembarço aduaneiro. A região do Valongo, situada ente o Morro do Livramento e o Morro da Saúde, concentrava lojas que tinham um caráter mais varejista em suas vendas. Pequenos produtores rurais, artífices, compradores locais e a população da Cidade do Rio de Janeiro recorriam constantemente aos comerciantes do Valongo.

Para serem interiorizados, os africanos escravizados eram transportados até o recôncavo da Baía da Guanabara de onde, em pequenas embarcações, eram transportados através dos grandes rios da Baixada Fluminense até os portos que davam acesso às estradas que os levariam para o interior da região Sudeste e para os confins do Brasil. Uma parte desse grupo ficava na região do próprio recôncavo ou era encaminhada para as fazendas do Norte e Leste Fluminense.

Portanto, o litoral do Rio de Janeiro foi, para milhões de africanos, o local de entrada para uma terrível vida no cativeiro, mas foi também o local onde milhares deles alcançavam a “liberdade através da morte”. O Cemitério dos Pretos Novos, ativo entre 1769 c. e 1830 c.⁴, recebia os corpos dos cativos que faleciam a qualquer momento desde a atracação das embarcações na Baía da Guanabara até a sua efetiva venda a um consumidor final. Após esse período de atividade foi abandonado e sua área, assim como as adjacentes, foram loteadas ainda na primeira metade do século XIX. Foi redescoberto apenas em 1996 nos fundos de uma residência localizada na Rua Pedro Ernesto 36, bairro da Gamboa, pelo casal Petrúcio e Merced Guimarães. Desde então, uma luta para que o achado não voltasse ao obscurantismo da história vem sendo travada pelo casal Guimarães, por arqueólogos e demais pesquisadores e voluntários. Para dar visibilidade a essa luta, a família Guimarães capitaneou em 2005 a criação do

⁴ Cerca de (c.), por se tratar de datas não tão bem conhecidas em face da precariedade da preservação de todos os livros e registros de sepultamentos, alguns em péssimas condições anotados nos livros de óbitos da Freguesia da Igreja de Santa Rita, arquivados no Museu da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

IPN – Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, instituição sem fins lucrativos promotora dessa pesquisa conjuntamente com o PPGArq/Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O Cemitério foi alvo de uma pesquisa histórica feita por Júlio César Pereira em 2007, publicada através do livro *À flor da terra: o cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro*.⁵ Outros pesquisadores, como Claudio de Paula Honorato, Carlos Eugênio Líbano Soares e Reinaldo Bernardes Tavares tem desenvolvido pesquisas históricas sobre o Mercado de Escravo e sobre o Cemitério dos Pretos Novos.

Pesquisas Anteriores

As primeiras pesquisas arqueológicas foram realizadas ainda na década de 90 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e pelo Instituto de Arqueologia Brasileiro – IAB, com base nos ossos retirados do subsolo por pedreiros que faziam uma reforma na casa da família Guimarães em 1996. Em 2011 e 2012, já com o apoio do Museu Nacional – UFRJ e do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, uma pesquisa realizada pelo arqueólogo e professor de História Reinaldo Tavares identificou e demarcou, dentro dos parâmetros possíveis, a área do cemitério para fins de proteção patrimonial⁶. Ao longo desses 20 anos pesquisas bioarqueológicas foram realizadas sobre os remanescentes ósseos recuperados em 1996, constituindo-se importantes aportes para o entendimento da chegada dos pretos novos e sua origem pan-africana.

No ano de 2014 e 2015 foi feita uma ampla escavação na área externa do Cemitério dos Pretos Novos (Rua Pedro Ernesto) destinada ao preparo da via pública para receber o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). A obra teve o monitoramento da empresa de Arqueologia Documento Ecologia e Cultura Ltda e contou com o apoio de infraestrutura logística e parceria do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, através do seu arqueólogo efetivo Prof. Reinaldo Tavares, que prestou consultoria, coordenou e acompanhou as etapas de escavação de frente do Cemitério dos Pretos

⁵ PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

⁶ TAVARES, Reinaldo Bernardes. *Cemitério dos Pretos Novos, Rio de Janeiro, século XIX: uma tentativa de delimitação espacial*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional - UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro :2012.

Novos e o processo de higienização do material e identificação em laboratório os restos humanos encontrados. Durante as obras foi identificada no leito da via pública a existência de ossos de animais não humanos (bovídeos) e alguns restos humanos, além de fragmentos de adornos (contas), louças e outros vestígios da cultura material da sociedade urbana que habitou a região do Valongo no século XIX. Os ossos humanos estavam dispersos pelo solo em um perímetro já mapeado e conhecido anteriormente (defronte ao cemitério) e também em algumas concentrações peculiares entre a rede de tubulações, revelando que em um momento posterior ao abandono do cemitério a sobreposição de residências causou tamanha perturbação no pacote arqueológico que partes dos remanescentes ósseos foram parar no subsolo da via pública. Ossos esses que ao serem encontrados durante a realização de obras de infraestrutura urbana no decorrer do século XX, foram novamente ocultados em trincheiras e buracos escavados entre as robustas tubulações de abastecimento de água e gás, formando novos pacotes de fragmentos de ossos. Nenhuma das três intervenções anteriores (1996, 2011-2012 e 2014-2015) logrou êxito em encontrar esqueletos ainda em conexão anatômica e com ossos íntegros⁷, e com o contexto arqueológico preservado. Buscando-se avançar no conhecimento sobre as formas de ocupação do espaço, foi programada uma nova fase de escavações destinadas a investigar o subsolo do Cemitério dos Pretos Novos, uma vez que as intervenções anteriores tinham o caráter exploratório superficial e se dedicaram à identificação dos remanescentes humanos extraídos por funcionários da construção civil (salvamento arqueológico); pela pesquisa de proteção patrimonial a qual, através de uma rede de sondagens e acompanhamentos oportunos de obras civis identificou e demarcou a área do cemitério; e pelo monitoramento arqueológico de obras públicas.

Pesquisa atual

A nova fase de investigação, iniciada em dezembro de 2016, tem o objetivo de escavar o subsolo do Cemitério dos Pretos Novos identificando os contextos funerários e buscando pela primeira vez encontrar indivíduos em conexão anatômica e em boas condições de preservação para estudos de arqueologia funerária e bioarqueologia. Há

⁷ Esse material ósseo encontra-se bastante friável e fragmentado devido a processos tafonômicos. Esses processos alteram a composição, conservação, posição e outras características dos organismos após sua morte e deposição no solo, podem ser de natureza física ou química, com agentes naturais ou antrópicos.

cerca de um ano vem sendo realizada uma escavação sistemática em uma área de 2m x 2m, na qual importantes evidências relativas às práticas de tratamento dos cativos mortos estão sendo recuperadas. Uma análise preliminar de aspectos estratigráficos, contextuais e bioarqueológicos já possibilita uma compreensão mais clara sobre a dinâmica de ocupação da área ao longo do tempo, e permite corroborar e detalhar os relatos contidos em fontes históricas primárias. Viajantes estrangeiros, memorialistas, o intendente de polícia e inúmeros moradores e comerciantes da região descreveram de forma breve o total descaso com que eram tratados os restos mortais dos cativos mortos, os quais eram simplesmente ocultados com um punhado de terra a cobri-los, empilhados, sendo que alguns tiveram posteriormente os seus corpos queimados. Essa prática tinha por objetivo tentar atenuar o terrível mau cheiro que exalava dos corpos mal enterrados em decomposição, assim como otimizar o pequeno espaço disponível para um número cada vez maior de pretos novos.

O achado do esqueleto articulado, fundamental para a compreensão dos processos de deposição dos corpos ocorridos no cemitério, ocorreu em maio de 2017 quando começou a ser evidenciado um conjunto anatomicamente coerente e articulado formado por mandíbula, maxila e dentes, e vértebras cervicais. Devido à fragilidade em que se encontram os remanescentes ósseos, sua evidenciação foi feita de forma muito lenta e cuidadosa, sendo necessário um intervalo entre as intervenções para secagem do sedimento, o que resultou em 12 dias de trabalho intercalado. O esqueleto, definitivamente, não será retirado do solo, mas sim mantido como testemunho com o seu contexto associado. Amostras ósseas, dentárias e de sedimentos já foram coletadas para análises bioarqueológicas e foram realizadas medições *in loco*. Após finalizado todo o trabalho de limpeza e coleta de amostras o material ósseo será quimicamente tratado com consolidantes apropriados para que obtenham resistência e permaneçam com as condições de preservação necessárias para a exposição pública. A permanência dos remanescentes ósseos no cemitério se dará por iniciativa do Instituto e Pesquisa e Memória Pretos Novos com o apoio de entidades de proteção do direito dos Negros e de líderes religiosos.

Bahkita

Com base em marcadores ósseos localizados na pelve estimou-se que os remanescentes são de um indivíduo feminino jovem. O fato de o esqueleto ser de uma mulher já é por si surpreendente uma vez que o número de cativos homens trazidos da África era muito superior em função das demandas nas lavouras de cana de açúcar e posteriormente de café. A título de exemplo, o livro de óbitos da Freguesia de Santa Rita, onde foram registrados os sepultamentos do Cemitério dos Pretos Novos, demonstra que entre dezembro 1824 e dezembro de 1825, 72,3% dos sepultados eram homens adultos, enquanto apenas 9,23 eram mulheres adultas⁸.

A jovem africana foi carinhosamente chamada de Bahkita (bem-aventurada, em dialeto núbio - Sudão) pela equipe de Arqueologia em homenagem à padroeira dos sequestrados e escravizados, Santa Josefina Bakhita, a primeira santa africana canonizada em 2000 pelo Papa João Paulo II. A escolha do nome foi feita pelo jovem que identificou os remanescentes em contexto, Andrei de Souza Santos, técnico de arqueologia e acadêmico de Antropologia/ Bioarqueologia. O achado de Bahkita é de extrema relevância tanto por motivos científicos quanto sociais. Sob a perspectiva da ciência, é o primeiro remanescente de preto novo encontrado em contexto de inumação primária, ou seja, em conexão anatômica. Apesar de frágil, espera-se que ossos e dentes, além de sedimentos associados, possam revelar aspectos relacionados a curta vida dessa jovem africana. Análises de isótopos de carbono e nitrogênio e de micro vestígios contidos em cálculos dentários revelam informações sobre dieta alimentar; análises de sedimentos coletados na cavidade pélvica podem indicar a ocorrência de doença infecto-parasitárias; análises de DNA e de isótopos de estrôncio podem refazer sua jornada em sentido inverso e apontar para o berço de Bahkita na África, de onde ela saiu para encontrar um triste e degradante fim. Sob a perspectiva social, pela primeira vez a arqueologia brasileira dará voz a um preto novo, no caso, a uma jovem preta nova, possibilitando a toda a sociedade entender melhor importantes questões sobre a diápora africana para o Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Enfim, Bahkita poderá ter parte da sua história contada, através dela mesma, graças aos avanços da ciência. O ganho social e cultural desse achado ímpar é sem dúvida de grande relevância, haja vista Bahkita já ter se tornado um ponto de confluência das comunidades religiosas e afrobrasileiras em

⁸ PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Garamond, 2014

torno do Cemitério dos Pretos Novos. Através da materialidade representada por esta jovem, a comunidade local consegue visualizar claramente que sob algumas casas da Rua Pedro Ernesto estavam escondidos fragmentos de uma das mais tristes histórias da humanidade. Fragmentos esses que começam finalmente a ser revelados.

O achado é importante também para a história regional da Zona Portuária e para a Cidade do Rio de Janeiro, pois é chave para estudos historiográficos que ainda merecem muita atenção. O olhar meticuloso para dentro do cemitério em busca dos detalhes de sua ocupação contribui com mais um elemento que integra um contexto muito maior, porém indissociável, no qual o foco se amplia para toda a região do antigo bairro do Valongo e do comércio humano de escravizados. Em relação à Arqueologia da Diáspora Africana, sua singularidade enquanto espaço destinado exclusivamente aos cativos recém chegados da África, e o fato de ser o único localizado e escavado até o momento, atribui grande relevância para cada pequeno achado e seu contexto. Diferentemente de outros sítios existentes na cidade do Rio de Janeiro que invocam a temática do cativo e da herança africana, o Cemitério dos Pretos Novos é o único que guarda uma herança física e genética daqueles seres humanos, cujo legado começa finalmente a ser transmitido para todos nós que descendemos de sua dor, da sua cultura, da sua genética, mas também de sua força.

Bibliografia

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

TAVARES, Reinaldo Bernardes. **Cemitério dos Pretos Novos, Rio de Janeiro, Século XIX: uma tentativa de delimitação espacial**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional - UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

TAVARES, Reinaldo Bernardes. Cemitério dos Pretos Novos: delimitar e conhecer para poder proteger. **Latinidade: Revista do Núcleo de Estudos das Américas** – vol 8, número 1, Janeiro-Julho de 2016. Rio de Janeiro:UERJ, IFCH, Nucleas, 2016.

Ficha Técnica

Coordenação:

Arqueólogo Reinaldo Bernardes Tavares – Coordenador Geral de Pesquisa – Doutorando e Mestre em Arqueologia (Museu Nacional - UFRJ), professor de História (UNIVERSO) e pesquisador do IPN – Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos;

Arqueólogo Nelson Pereira Mendonça Júnior – Coordenador de Campo – Mestre em Arqueologia (Museu Nacional – UFRJ), pesquisador independente e consultor especialista em Arqueologia Náutica e Industrial.

Supervisão Técnico-Científica:

– Prof^ª. Dra Claudia Rodrigues_Carvalho – PPGArq -Museu Nacional -UFRJ.

– Prof^ª. Dra. Andrea Lessa – PPGArq- Museu Nacional - UFRJ

Instituições Promotoras:

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – IPN

Programa de Pós-graduação em Arqueologia/Museu Nacional – Quinta da Boa Vista – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Patrocínio:

Instituto Prol Estudos – Associação de Democratização do Conhecimento

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

Pesquisadores Associados:

Prof^ª. Dr^ª Márcia Chame dos Santos - Fundação Osvaldo Cruz – Fiocruz

Prof. Dr. Renato Rodriguez Cabral Ramos – DGP/ GeoQuater – Museu Nacional – UFRJ

Prof^ª. Dr^ª Gleide Alencar Nascimento Dias - Instituto de Geociências – UFRJ

Equipe técnica:

Revisora de Texto: Prof^a Esp. Munniky Müller Tavares – Instituto Prol Estudos – Associação de Democratização do Conhecimento.

Técnicos de Campo:

Andrei de Souza Santos – Acadêmico de Antropologia – UFF / UFRJ (Bioarqueologia)
- Museu Nacional;

Hugo Fraga Beust - Acadêmico de Antropologia – UFF / UFRJ (Bioarqueologia) -
Museu Nacional;

João Gustavo Alves Chá Chá – Historiador – UFF / UFRJ (Bioarqueologia) - Museu
Nacional;

Matheus Ferreira Pinho – Acadêmico de Arqueologia – UERJ / UFRJ (Bioarqueologia)
- Museu Nacional.